

Natureza das janelas e percepção do olhar interfaces das mediações culturais

Sônia Barreto de Novaes Paschoal¹

Resumo: Na busca por compreender a si e aos outros a partir de ângulos de visões, de lentes, de métodos, o homem vai enquadrando-se e classificando mundos. Em sua eterna busca, significativa ou não, se depara com naturezas que exigem dele um retorno, uma resposta. O entendimento destas naturezas *perpassa* tanto pela concepção dos dispositivos de comunicação e cultura, como, pelo alcance dos repertórios enquanto percepção de quem olha. Sendo assim, o campo da mediação cultural deve se colocar como um campo de estudo de mídias tão diversificada quanto plural, estendendo seus limites transversalmente às fronteiras transdisciplinares em uma abordagem dialógica tanto no sentido bakhtiniano quanto no sentido buberiano do termo.

Palavras-chave: Mediação Cultural Dialógica, Mídias Dialógicas, Dialogia

Da percepção do olhar

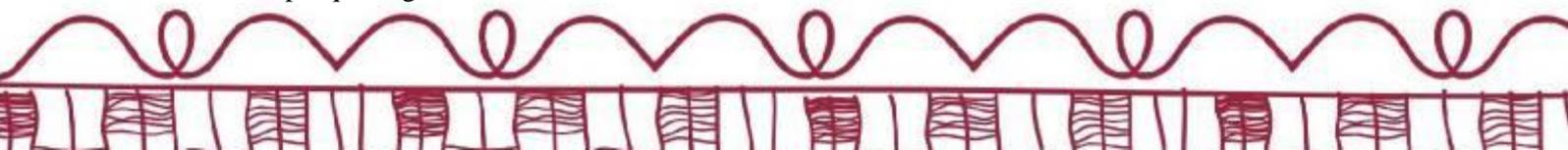
*“ toda a Arte, toda a Literatura,
é um caminho de superação do que a vida tem de rotineiro e indiferente”*

SUASSUNA

Estou do lado de cá da janela e vejo uma senhora andando sob uma chuva forte no meio fio da calçada, gritando com os carros que passam, ela não sabe de mim, nem eu dela, a não ser essa visão minha que a enlaça e sugere a minha memória histórias, narrativas. Narrativas que colorem dias da cor que eu lhes dou, cores de uma aquarela que, como diz a música, um dia descolorirá. Mas enquanto não descolore, enquanto não se encerra, encerro-a aos meus mundos reais, virtuais, atuais, memoriais. Mundos ditados por tempos e espaços plurais, que exigem cada vez mais, saberes, posturas e atitudes plurais.

O olhar, responsável por 70% da informação que chega ao cérebro é também o grande atribuidor de sentidos e significados. Ele é o porto de todas as leituras e

¹ Mestre em Ciência da Informação - ECA/USP, pesquisadora júnior do ColaborI – Colaboratório em Infoeducação; Pesquisadora da Cidade do Conhecimento ECA/USP. soniapazqual@gmail.com



interpretações. A percepção visual é um dos nossos sentidos de distância, nos indica antes sinais de perigos ou de prazeres. Hoje o olhar, segundo Baitello, está cansado, há muito que ver:

[...] na era da orientação, com a atenção e o mundo voltados para o nascente, a concorrência pelo olhar percorre uma estrada que se satura a cada passo com novos recursos e apelos de luz e razão. [...] A fadiga se instala no olhar que já não vê o que avista, já não enxerga o que vê, já não anima o que enxerga. Fatigado o grande sentido de alerta, tornam-se os corpos presas fáceis dos monstros de luz e passam a ser devorados pelas imagens, criaturas de luz, da expansão e da conquista, das leis da economia e da economia dos sinais. (BAITELLO JUNIOR, 2005, p.20)

É preciso, selecionar, e selecionar sem tempo de escolha. Rapidamente se separa o que serve do que não serve, postergando algum dado, imagem, texto para quem sabe, uma posterior ruminação, uma contemplação.

A questão do tempo do olhar sobre determinado objeto está diretamente relacionada ao modelo de dispositivo em que as informações se inserem. Ora, a informação, a que se coloca à comunicação e que pretende se transformar em conhecimento, está – e não é novidade – em vertiginosa inflação, requerendo de todos, em todos os espaços e em todo o tempo toda a atenção. Como então dar sentidos, atribuir significados ao mundo que nos rodeia, ao nosso entorno cultural?

Talvez um resgate desse olhar, talvez um *zoom* diferenciado em uma câmera digital, talvez como na Sociedade dos Poetas Mortos, subir sobre a mesa de trabalho... uma coisa é certa, não se pode deixar de trazer de volta o olhar, seja ele o curioso infantil, o inquisidor e desafiador do adolescente, o olhar nostálgico de quem está na terceira idade, e claro, não devemos esquecer do olhar apaixonado que consegue perceber as nuances laranjas da “franja da encosta”.

Mas como fazer? Como olhar no olhar vivendo em uma sociedade cujos seres são números? Obedecendo aos ditames da produção seja ela industrial, cultural ou intelectual, ainda que para os dois últimos casos colocamos no páreo a disputa ente *Kairós* e *Cronos*.

Ao trabalhar rodas de leitura com crianças e adolescentes em situação de abrigo percebi que o tempo disponível não bastava. Eles eram um grupo, representava uma massa, a princípio não havia ali a Sandra, o Marcelo, a Tia Zulmira – havia apenas o abrigo, como tantos outros espalhados pela Terra. Mas de perto, e sem instrumentos para o olhar, porque a pesquisa/método enquadrava a categoria, a classe a massa, meu

olhar foi “fisgado” pelo olhar do outro, meu corpo/mídia de atitude foi obrigado a corresponder a atitude alheia. Nasceu assim o diálogo.

Meu olhar, enquanto olhar de um sujeito em particular circunscrito em meu corpo fala, traz para o espaço de comunicação informações que vão além do aqui e do agora, sem deixar de demonstrar a importância que esse contexto tem.

Ao olhar me apropriar, ao me deixar ser olhada permito-me ser apropriada, é assim que o contador de história entra em cena, ele e sua mala de histórias são um só, deixam que outros se apropriem deles, faz parte do enredo. Nosso corpo é a “mídia primária”², e é “(...) o começo e o fim, sempre, de todo o processo de comunicação.” (BAITELLO JUNIOR, 2005, p.34)

A experiência com o olhar

Foi proposto às crianças e adolescentes que fotografassem o percurso (ida e volta) do Abrigo à Biblioteca Pública Municipal. Eles poderiam fotografar de dentro do carro em movimento ou não, ou poderiam pedir para estacionar e sair para retratar o objeto. Nesta experiência podemos ver os olhos buscando “coisas” que pudessem significar afinal as fotos passariam por um processo de seleção e as escolhidas comporiam um vídeo. Assim a gaiola vazia pendurada em uma loja de produtos para animais representava a liberdade e a decisão de que passarinhos tinham que ser livres; as inúmeras casas fotografadas pelas meninas (nenhum menino as fotografou) pode representar a necessidade de se ter um lar; enfim, o olhar não está perdido. O olhar sempre irá à busca daquilo que lhe interessa seja em que janela/tela for.

[...] O que ‘constitui minha autoconfiança interior, fortalece minhas costas, ergue minha cabeça e dirige meu olhar para frente’ é o conhecimento de que ‘o verdadeiro centro de gravidade de minha autodefinição está no futuro’ e sempre há de estar no futuro. (MORSON, 2008, p. 210, citando Bakhtin).

A natureza das janelas

² A **mídia primária** é o corpo e ao deixar suas marcas e se apropriar de territórios que continuam sendo seus, ainda que ele não esteja lá, inventa a **mídia secundária** “(...) uso de objetos fora de seu corpo para a comunicação. (...) Todavia há a dificuldade de transporte do suporte da informação. Com o advento da eletricidade surge a **mídia terciária** (do telégrafo às redes de computadores) desenvolvendo um aparato de emissão e captação da mensagem.” (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 33-34)

Ao fazer referência a janelas, vem à mente todo meio que dá acesso à. Portanto janelas são entendidas aqui como mídias. Por outro lado, ao enquadrar, ao determinar o grau de permissão de olhar, ao direcionar a visão, as janelas deixam de ser meramente mídias para se tornarem dispositivos carregados de significados, constituintes e constituídos pelo contexto de interação:

Um dispositivo é uma instância, um local social de interação e de cooperação que possui suas intenções, seu funcionamento material e simbólico, enfim, seus modos de interações próprios. A economia de um dispositivo – seus funcionamentos – determinado pelas intenções, se apóia sobre a organização estruturada dos meios materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais que modelam, a partir de suas características próprias, os comportamentos e as condutas sociais (afetivas e relacionais), cognitivas dos sujeitos. (PERAYA, s.d.).

Dentro de um *tecido de agenciamento* passam relações de forças entre o funcionamento material e o simbólico. Nessa interação há uma correlação, e, nessa cooperação, temos a *causa imanente*³, uma causa atualizada pelo seu efeito, ou seja, o ambiente, os dispositivos e seus sujeitos sofrem alterações e variações, na medida em que os acontecimentos se dão “[...] Por isso, nela há correlação, pressuposição recíproca entre a causa e o efeito, entre a máquina abstrata e os agenciamentos concretos (é a esses que Foucault reserva mais frequentemente o nome de dispositivos). [...]” (DELEUZE, 2006, p. 46).

Vivemos em espaços nos quais há a conexão entre os mais variados dispositivos e, cada qual com sua especificidade e seu modo de estruturação compondo um conjunto de relações práticas, discursivas e tecnológicas. “[...] Os dispositivos constituem, portanto uma ordem, a *ordem dos* dispositivos. E esta pode ser monológica ou dialógica, dependendo do modo como são agenciados e postos em funcionamento os elementos que os constituem. (PASCHOAL, 2009, p. 23)

O monológico não se opõe ao dialógico, o que existe são graus de *dialogicidade* segundo Bakhtin e, tanto um como outro são necessários. Os códigos são monológicos, não permitem interpretações “abertas”. As janelas podem estar abertas ou fechadas,

³ “[...] uma causa que se atualiza em seu efeito, que se integra em seu efeito, que se diferencia em seu efeito. Ou melhor, a causa imanente é aquela cujo efeito a atualiza, integra e diferencia. [...]” (DELEUZE, 2006, p. 46).

mas em um dado momento deverão se abrir, então encontraremos a dialogia, e nela a permissão, ou não, ao aprofundamento de questões, encontraremos o outro. Perceberemos a figura do outro, ou como diz Buber, do *Tu* e do *Isso*. (BUBER, 1979)

Ao encontrar o outro estabeleço vínculos a partir de linguagens, de um diálogo contínuo, não-finalizado, que ocorre a cada instante e no qual há um “entrar vivo”. Segundo Bakhtin, no

[...] diálogo, uma pessoa participa totalmente e com toda a sua vida: com olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com todo o seu corpo e todas as suas ações. Ela investe todo o seu discurso, e esse discurso entra no tecido dialógico da vida humana, no mundo do simpósio. (MORSON, 2008, p. 78).

A mediação cultural dialógica visa esse “entrar vivo” no processo de produção de significados. Não se trata de um elo, ou de um canal indiferente à mensagem que lhe perpassa, ao contrário, esta mediação implica uma dinâmica que ativa e atualiza os elementos presentes na ação cultural tornando a recepção um ato de apropriação e não simplesmente de assimilação de significados. Nessa dinâmica o ato de mediação se define. Assim como ele próprio, nem produção, nem recepção são entendidas como categorias passivas nos processos comunicacionais e culturais.

Os atos de mediação não se dão no vazio. Implicam linguagens, objetos e sujeitos em relações dinâmicas. Constituem-se e constituem atividades discursivas. Eles dialogam, narram, negociam simbolicamente estratégias e criam performances. Eles articulam e são eles mesmos *dispositivos*. (PASCHOAL, 2009, p. 22)

Mídias dialógicas

No *mundo do simpósio* o diálogo está por toda a parte, ao acontecimento que Bakhtin denomina de *polifonia*. Neste mundo de vozes, muitas se perdem, outras se tornam ecos, mas outras *singularizam-se*. À estas somamos as nossas e estabelecemos parecerias quando caminhamos juntos, seja por meio de narrativas orais ou postadas em um blog; seja por meio da leitura de notícias distantes ou qualquer outra forma de discurso que me permite entrar em contato com o outro. Não se trata de réplicas, trata-se de uma produção de si. Ora nessa produção me reconheço como sujeito singular de uma situação, isto não quer dizer que o outro se perca, ele também se produz, o diálogo

é por excelência “[...] um fenômeno quase universal, a permear todo o discurso humano e todas as relações e manifestações da vida humana – em geral, tudo quanto tem sentido e significação.” (BAKHTIN, apud MORSON, 2008, p. 67).

O diálogo está para a prosa, para a surpreendência do trivial, prima pela *não-finalizabilidade*⁴. Trata-se de um sistema, um fluxo, porque requer de cada ator envolvido a participação responsiva – reconhecimento mútuo da *responsabilidade*⁵ e lhe confere a liberdade de *ser-em-relação-ao-outro*, ou seja, *ser* em construção permanente do mundo, o grande acontecimento. (PASCHOAL, 2009) Neste sentido abre espaço às possibilidades, ainda que dos silêncios – necessários ao processo comunicativo.

Algo que se observa em relação à dialogia é o fenômeno do acontecimento, não é um conceito abstrato, ou um método, se constitui destes elementos, mas também é uma prática, uma atitude. As ações de mediação dialógicas devem ser embasadas na personalização dos sujeitos envolvidos, conferindo-lhes identidades próprias. Assim pode ser também nas interfaces midiáticas, lembrando que estas representam a mídia terciária, ou seja, mídias que transportam sinais sem seus suportes. Ganha-se tempo e decreta “(...) o fim do tempo contemplativo e individualmente diferenciado. (...)” (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 34) Afetada a contemplação, modificam-se as maneiras de se relacionar, o que não significa uma desqualificação da maneira, mas um novo rearranjo, uma nova configuração, seja ela a “interatividade” de seres imersos, ou como denomina Santaella “leitor imersivo”, aquele que navega e se movimenta física e mentalmente entre textos, imagens (estatísticas ou não) e sons. Esse navegador, do olhar de cá desta tela parece ser só, mas ele está em rede, criando seus enredos em redes.

Interfaces da mediação cultural

Como fica o papel do mediador cultural diante da convergência tecnológica, um museu ou uma biblioteca digital necessitam mediadores ou a mediação por meio da tela se resolve?

⁴ “[...] inovação, ‘surpreendência’, o genuinamente novo, abertura, potencialidade, liberdade e criatividade. [...]” (MORSON, 2008, p. 55)

⁵ “O conceito de responsabilidade precisa ser recambiado, do campo da ética especializada, de um ‘dever’ que flutua livremente no ar, para o domínio da vida vivida. Responsabilidade genuína só existe onde existe o responder verdadeiro”. (BUBER, 2007, p. 49).

Mudam-se ferramentas, lugares, posições, tempos e espaços, mas a essência será sempre a mesma, ou seja, o homem e sua *condição humana* (ARENDR, 2008). Não é de se estranhar que um tratamento dado a crianças e adolescentes na Rússia pós-revolução cause o mesmo impacto a crianças e adolescentes no Brasil do século 21. Por quê? Porque crianças e adolescentes serão sempre crianças e adolescentes independentemente dos instrumentos que lhes colocam em mãos. Uma arma pode se transformar em brinquedo, assim como uma pedrinha ou o mouse do computador. A violência e a tristeza por um mundo que não sabe alimentar suas culturas e ainda está a um passo do envolvimento colaborativo com o outro andam juntas à alegria do reencontro com uma amizade de infância e que agora se materializa graças ao uma “prosa” no chat, ou no permitir-se a ver numa comunidade de relacionamentos como o Orkut ou o facebook.

[...] Assim, o tratamento cultural das coisas da comunicação requer englobar os fatos geradores (não apenas técnicos, mais culturais: a imaginação, as memórias profundas, os mitos, as crenças, as experiências semióticas e as memórias profundas das vivências, corporais ou espirituais), mas também os cenários que estes mesmos fatos podem gerar ou já estão gerando. [...] Se a comunicação é a construção de vínculos, a cultura é o entorno e a trajetória complexa dos vínculos [...] (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 8-9)

Vivemos em um mundo complexo, onde cada qual tem seu papel e todos se complementam. Podemos “passar” na leitura de um livro e dali sentir a necessidade de saber mais sobre determinada palavra e numa busca rápida na Internet, sabemos tudo sobre aquela palavra, e ainda, associá-la à imagens, sons, descobrir outras pessoas, participar de discussões... Uma infinidade de ações, que muitas vezes escapam ou passam despercebidas.

O papel do mediador cultural continuará sendo aquele de provocar e ser provocado por outros atores que dividem o palco destinado ao aparato cultural. Seu olhar se volta agora para um caleidoscópio que muda conforme a movimentação, seja do dispositivo, seja da evolução das máquinas, seja um simples abrir e fechar de retinas ou cortinas...

Toda face pressupõe outra face e sempre haverá uma face oculta, um enigma a ser desvendado. É na prosa do cotidiano que essas faces se apresentam, se inter-relacionam e se inter-seccionam formando mosaicos, abrindo territórios para conquistas e explorações múltiplas.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da incofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BUBER, Martin. *Do dialogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007
- _____. *Eu e tu*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasilense, 2006.
- MAKARENKO, A. S. *Poema pedagógico*. São Paulo: Brasilense, 1986, v.1-3.
- MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- PASCHOAL, Sônia Barreto de Novaes. *Mediação dialógica com crianças e adolescentes: oficinas de leitura e singularização*. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- PERAYA, Daniel. (s.d.) *Das mídias aos campus virtuais: um quadro de análise dos dispositivos de formação e de comunicação midiaticizadas*. Genève: TECFA - Université de, Suisse. (tradução de Jairo Ferreira - Unisinos).
- SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.